

PORTUGUÊS

INSTRUÇÃO: As questões de números 01 a 03 tomam por base uma cantiga do trovador galego Airas Nunes, de Santiago (século XIII), e o poema *Confessor Medieval*, de Cecília Meireles (1901-1964).

Cantiga

Bailemos nós já todas três, ai amigas,
So aquestas avelaneiras frolidas, (frolidas = floridas)
E quem for velida, como nós, velidas, (velida = formosa)
Se amigo amar,
So aquestas avelaneiras frolidas (aquestas = estas)
Verrá bailar. (verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas, (irmanas = irmãs)
So aqueste ramo destas avelanas, (aqueste = este)
E quem for louçana, como nós, louçanas, (louçana = formosa)
Se amigo amar,
So aqueste ramo destas avelanas (avelanas = avelaneiras)
Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos, (mentr'al =
enquanto outras coisas)

So aqueste ramo frolido bailemos,
E quem bem parecer, como nós parecemos (bem parecer =
tiver belo aspecto)

Se amigo amar,
So aqueste ramo so lo que bailemos
Verrá bailar.

(Airas Nunes, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. *Presença da Literatura Portuguesa* – I. Era Medieval. 2.^a ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.)

Confessor Medieval (1960)

Irias à bailia com teu amigo,
Se ele não te dera saia de sirgo? (sirgo = seda)

Se te dera apenas um anel de vidro
Irias com ele por sombra e perigo?

Irias à bailia sem teu amigo,
Se ele não pudesse ir bailar contigo?

Irias com ele se te houvessem dito
Que o amigo que amavas é teu inimigo?

Sem a flor no peito, sem saia de sirgo,
Irias sem ele, e sem anel de vidro?

Irias à bailia, já sem teu amigo,
E sem nenhum suspiro?

(Cecília Meireles. *Poesias completas de Cecília Meireles* – v. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.)

Tanto na cantiga como no poema de Cecília Meireles verificam-se diferentes personagens: um eu-poemático, que assume a palavra, e um interlocutor ou interlocutores a quem se dirige. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, a seguir,

- indique o interlocutor ou interlocutores do eu-poemático em cada um dos textos.
- identifique, em cada poema, com base na flexão dos verbos, a pessoa gramatical utilizada pelo eu-poemático para dirigir-se ao interlocutor ou interlocutores.

Resolução

- No texto de Airas Nunes, o eu-lírico feminino tem como interlocutoras duas amigas, também chamadas de irmãs, na segunda estrofe. No texto de Cecília Meireles, a interlocutora é uma mulher, conforme indicações do contexto ("amigo", "saia").
- No primeiro texto, o eu-lírico utiliza a primeira pessoa do plural, incluindo-se assim no mesmo grupo que as interlocutoras. No segundo texto, o eu-lírico dirige-se à interlocutora na segunda pessoa do singular.

A leitura da cantiga de Airas Nunes e do poema *Confessor Medieval*, de Cecília Meireles, revela que este poema, mesmo tendo sido escrito por uma poeta modernista, apresenta intencionalmente algumas características da poesia trovadoresca, como o tipo de verso e a construção baseada na repetição e no paralelismo. Releia com atenção os dois textos e, em seguida,

- considerando que o efeito de paralelismo em cada poema se torna possível a partir da retomada, estrofe a estrofe, do mesmo tipo de frase adotado na estrofe inicial (no poema de Airas Nunes, por exemplo, a retomada da frase imperativa), aponte o tipo de frase que Cecília Meireles retomou de estrofe a estrofe para possibilitar tal efeito.
- estabeleça as identidades que há entre o terceiro verso da cantiga de Airas Nunes e o terceiro verso do poema de Cecília Meireles no que diz respeito ao número de sílabas e às posições dos acentos.

Resolução

- Cecília Meireles retoma, em seu poema, tanto a oração condicional ("Se...") quanto a interrogativa ("Irias..."). Portanto, esta questão não está formulada com precisão, pois os dois "tipos de frase" empregados no texto se repetem.
- O terceiro verso de Airas Nunes é um hendecassílabo (onze sílabas métricas), com acentos na 5ª, na 8ª e na 11ª sílaba. A mesma estrutura métrica aparece no terceiro verso de Cecília Meireles.

As cantigas que focalizam temas amorosos apresentam-se em dois gêneros na poesia trovadoresca: as “cantigas de amor”, em que o eu-poemático representa a figura do namorado (o “amigo”), e as “cantigas de amigo”, em que o eu-poemático representa a figura da mulher amada (a “amiga”) falando de seu amor ao “amigo”, por vezes dirigindo-se a ele ou dialogando com ele, com outras “amigas” ou, mesmo, com um confidente (a mãe, a irmã, etc.). De posse desta informação,

- a) classifique a cantiga de Airas Nunes em um dos dois gêneros, apresentando a justificativa dessa resposta.
- b) identifique, levando em consideração o próprio título, a figura que o eu-poemático do poema de Cecília Meireles representa.

Resolução

- a) *O poema de Airas Nunes é exemplo da cantiga de amigo, do tipo “bailia”, pois nele o eu-lírico feminino se dirige às amigas, convidando-as à dança.*
- b) *No poema de Cecília Meireles, o título sugere que o eu-lírico seja o padre com quem se confessa a moça a quem ele se dirige.*

INSTRUÇÃO: As questões de números 04 a 07 tomam por base um soneto de Raul de Leoni (1895-1926), um artigo do jornalista Clóvis Rossi e uma charge do cartunista Jean Carlos Galvão.

Legenda dos Dias

O Homem desperta e sai cada alvorada
Para o acaso das cousas... e, à saída,
Leva uma crença vaga, indefinida,
De achar o Ideal nalguma encruzilhada...

As horas morrem sobre as horas... Nada!
E ao Poente, o Homem, com a sombra recolhida
Volta, pensando: "Se o Ideal da Vida
Não veio hoje, virá na outra jornada..."

Ontem, hoje, amanhã, depois, e, assim,
Mais ele avança, mais distante é o fim,
Mais se afasta o horizonte pela esfera;

E a Vida passa... efêmera e vazia:
Um adiamento eterno que se espera,
Numa eterna esperança que se adia...

(Raul de Leoni. *Luz Mediterrânea*. 11ª ed. São Paulo:
Livraria Martins Editora, 1965.)

Memórias da Esperança

Minha primeira viagem internacional foi justamente a Assunção, para disputar (e ganhar) um sul-americano de basquete (de clubes), pelo E.C.Sírio. Faz mais de 40 anos.

Assunção parecia muito pobre e muito sem futuro, porque capital do único país sob ditadura entre aqueles que cabiam no horizonte de um moleque de 17 para 18 anos (o Uruguai, a Argentina e o próprio Paraguai).

Sentia-me um ser do andar superior, porque campeão na quadra e porque cidadão do "país do futuro", o país que sonhava os sonhos de JK, o presidente Juscelino Kubitschek, um país que parecia não ter limites para o seu luminoso futuro.

Voltei algumas poucas vezes depois, mas o olhar já era outro, profissional, preocupado mais em decifrar a intricada política local pós-ditadura e/ou os segredos não tão secretos das negociações do Mercosul do que em olhar Assunção.

Nesta nova volta, a cidade continua pobre, mas machuca constatar que, na essência, já não difere tanto de São Paulo. É mais pobre, claro, mas exhibe os mesmos ambulantes em cada esquina, as mesmas crianças maltrapilhas nos semáforos, olhos baços, a cor de cobre dos mestiços.

O Paraguai já não é uma ditadura faz algum tempo, mas nem por isso recobrou o direito à esperança. O

duro de aceitar é que o Brasil deixou de ser uma democracia – que hoje, como há 40 e tantos anos, me parecia o pior dos regimes fora todos os outros –, voltou a ela e perdeu e ganhou esperanças em ondas que iam e se desfaziam cada vez com maior velocidade.

Talvez pela idade, olhar para trás é hoje mais promissor do que encarar o que ainda virá. A América Latina perdeu o passo do futuro, encalhou em algum momento. Do turbilhão que chegou a prometer, virou a mansidão das águas do rio Paraguai, que passam sujas pelos fundos do hotel Yacht y Golf Club, onde hoje começa mais uma cúpula do Mercosul, mais um ensaio da esperança eternamente renovada e eternamente adiada.

(Clóvis Rossi. *Folha de S.Paulo*, 17.06.2003.)



(Jean. Risco Nanquim. *Folha de S.Paulo*, 23.05.2003.)

4

Os três textos apresentados, um poema, um artigo jornalístico e uma charge, embora diferentes como formas de comunicação e de focalização, se assemelham, em mais de um aspecto, pelo tema abordado. Com base nesta observação,

- aponte uma semelhança entre os três textos no que diz respeito ao tema que abordam.
- transcreva do texto de Clóvis Rossi a passagem em que se parafraseiam dois versos do soneto de Raul de Leoni, indicando quais são esses dois versos.

Resolução

- Os três textos têm como tema as expectativas humanas frustradas, a esperança projetada para um futuro que não chega.
- As duas últimas linhas do texto de Clóvis Rossi parecem paráfrases dos dois últimos versos do soneto de Raul de Leoni.

5

O emprego de iniciais maiúsculas para algumas palavras, em poesia, não é expediente meramente decorativo, mas visa ressaltar determinados conteúdos expressos pelas palavras nas frases. Tomando por base este comentário,

- a) explique qual o efeito, em termos de significado, que o poeta obtém com o uso de inicial maiúscula nos dois empregos da palavra "homem".
- b) compare a primeira com a última estrofe sintetize a mensagem que o poema passa ao leitor.

Resolução

- a) *O emprego de inicial maiúscula em "Homem" tem a função de indicar que a referência é o ser humano essencial, o homem por excelência, e não algum ser humano em particular, tomado em sua individualidade.*
- b) *Pode dizer-se que as duas estrofes em questão são antitéticas: a primeira fala do horizonte de esperança que move o ser humano no início de cada jornada; a última, ao contrário, descreve a situação desolada, de adiamento das expectativas, que resulta do percurso existencial iniciado com esperança.*

6

Clóvis Rossi faz em seu artigo uma análise da viabilidade político-econômico-social dos países da América Latina. Considerando esta informação, releia o artigo atentamente e, a seguir,

- a) determine o argumento que leva o articulista a afirmar que "A América Latina perdeu o passo do futuro, encalhou em algum momento."
- b) cite duas palavras ou expressões do texto de Raul de Leoni que apresentam significado semelhante ao da palavra "futuro" do texto de Clóvis Rossi.

Resolução

- a) *O articulista considera que se frustrou o "turbi-lhão", ou seja, a grande transformação que a América Latina prometia. Daí que "olhar para trás" seja "hoje mais promissor do que encarar o que ainda virá".*
- b) *As expressões do texto de Raul de Leoni que apresentam significado semelhante ao da palavra "futuro" no artigo de Clóvis Rossi são "na outra jornada" e "amanhã, depois".*

A charge de Jean se serve de uma frase de efeito usada durante a campanha eleitoral de 2002 para a presidência da república – “A esperança vencerá o medo” – e de sua nova versão, após o resultado das urnas – “A esperança venceu o medo” –, que o cartunista aborda num momento político em que dificuldades enfrentadas pelo novo governo geram algumas expectativas na população. Situando a charge nessa conjuntura,

- a) defina o sentido que a palavra “esperança” apresenta nas duas frases de efeito citadas e o sentido que, para fazer humor, o chargista atribui à palavra “esperança”, que aparece em negrito em sua charge.
- b) estabeleça o que há de comum na conclusão a que chegam os três textos a respeito do tema abordado.

Resolução

- a) *Na primeira frase, a palavra “esperança” assume o sentido de “expectativa de realização”; na segunda, o sentido de “aguardar, esperar indefinida e constantemente”.*
- b) *Os três textos são céticos, descrentes em relação à melhoria das condições da existência humana.*

INSTRUÇÃO: As questões de números 08 a 10 tomam por base uma passagem do romance *O País do Carnaval*, de Jorge Amado (1912-2001) e o poema *Rosto & Anti-Rosto*, do modernista Cassiano Ricardo (1895-1974).

O País do Carnaval

- É... – apoiava Jerônimo enrubescendo.
- E crer... Existem ainda homens inteligentes que crêem. Crer... Acreditar que um Deus, um ser superior, nos guie e nos dê auxílio... Mas ainda há quem creia...
- Há...
- Olhe, Jerônimo, dizem que foi Deus quem criou os homens. Eu acho que foram os homens que criaram Deus. De qualquer modo, homens criados por Deus ou Deus criado pelos homens, uma e outra obra são indígnas de uma pessoa inteligente.
- E Cristo, Pedro Ticiano?
- Um poeta. Um *blagueur*. Um cético. Um diferente da sua época. Cristo pregou a bondade porque, naquele tempo, se endeusava a maldade. Um esteta. Amou a Beleza sobre todas as coisas. Fez em plena praça pública *blagues* admiráveis. A da adúltera, por exemplo. Ele perdoou porque a mulher era bonita e uma mulher assim tem direito a fazer todas as coisas. Cristo conseguiu vencer o convencionalismo. Um homem extraordinário. Mas um deus bem medíocre...
- Como?
- Um deus que nunca fez grandes milagres! Contentou-se com multiplicar pães e curar cegos. Nunca mudou montanhas de lugar, nunca fez descer sobre a terra nuvens de fogo, nem parou o sol. Cristo tinha, contra si, esta qualidade: sempre foi mau prestidigitador.
- [...]
- Jerônimo mudava de assunto.
- Você, Pedro Ticiano, é o homem de espírito mais forte que eu já vi. Com quase setenta anos, ainda é ateu...
- Ah, não tenho medo do inferno... E, no caso de ele existir, eu me darei bem lá...
- Você sempre foi meio satânico... É capaz de fundar um jornal oposicionista no inferno. Voltaire, você e Baudelaire no inferno. Que gozado! Pedro Ticiano sorria, vendo que Jerônimo não resistia à fascinação da sua palavra. E gostava de derrubar os sonhos daquele homem medíocre e bom, que tinha o único defeito de querer intelectualizar-se.

(Jorge Amado. *O País do Carnaval*. 30ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.)

Rosto & Anti-Rosto

O homem criou
Deus
a quem deu
o lugar de
autor do céu,
do ar, do
mar.

Para si,
na Terra
em flor,
criou o amor.

Deus, porém,
pra existir
criaria
algo
a si mesmo
oposto:

Numa concha
acústica,
inventou
a dor.

Lucifex
Satã
sua anti-
figura,
seu anti-
rosto.

Hoje Satã
quer levar
o homem
a matar
Deus.

Qual dos 2
o sobre

vidente?

(Cassiano Ricardo. *Os Sobreviventes*. Rio de Janeiro:
Livraria Editora José Olympio, 1971.)

Embora de gêneros diferentes, prosa e poesia, os dois textos apresentam afinidade temática na medida em que focalizam o problema da existência de Deus. Considerando este fato,

- a) estabeleça, com base no contexto da fala de Ticiano, o que este quer significar com a frase: “Eu acho que foram os homens que criaram Deus.”
- b) demonstre o caráter irônico do emprego da palavra “autor” na primeira estrofe do poema de Cassiano Ricardo.

Resolução

- a) Segundo a personagem de Jorge Amado, Deus é uma invenção humana, ou seja, é uma idéia que os homens criaram e na qual passaram a crer.
- b) Trata-se de “atribuição de autoria”, como se fosse o caso, por exemplo, de uma obra literária. A palavra “autor” soa irônica, pois imprópria para designar a grandeza do ato criativo divino.

Tanto os falantes como os escritores podem, por vezes, criar *neologismos*, ou seja, palavras novas, que, se aceitas pelos demais usuários, entram em circulação e se integram ao léxico da língua; caso contrário, se tornam apenas ocorrências específicas dos textos em que surgiram. O uso de palavras estrangeiras constitui o chamado *neologismo por empréstimo*; tais palavras, pela generalização do uso, também podem se integrar ao léxico do idioma. Releia atentamente os dois textos e, em seguida,

- a) localize, na quinta estrofe do poema de Cassiano Ricardo, um neologismo criado pelo poeta.
- b) explique por que, na terceira fala de Pedro Ticiano, Jorge Amado grafou duas palavras em itálico.

Resolução

- a) O neologismo é *Lucifez*.
- b) As palavras grifadas são *galicismos*, porque provêm do idioma francês (*blague* = *brincadeira*; *blagueur* = *brincalhão*).

Nem sempre um argumento ou opinião é manifestado diretamente, mas está subentendido no que se expressa na superfície do texto. Releia os dois textos e, a seguir,

- a) considerando que a última estrofe do poema de Cassiano Ricardo é constituída por uma interrogação retórica, cuja resposta já está implícita na própria pergunta, indique o que pensa o poeta sobre o desfecho da luta entre Deus e Satã.
- b) aponte em que medida os procedimentos gráficos utilizados pelo poeta nessa estrofe (emprego de algarismo como palavra, partição de palavra em dois versos separados por linha) reforçam os conteúdos expressos pelas palavras.

Resolução

- a) *O sobrevivente é Deus, pois na própria pergunta e no texto está sugerido o caráter superior de Deus. (Observe-se que esta resposta admite a interpretação da estrofe que se acha contida na questão. Tal interpretação, contudo, é discutível, pois não há indício de que a pergunta seja retórica e – pior –, se ela fosse de fato retórica, o poema perderia o pouco de sentido que lhe resta.)*
- b) *A partição da palavra em dois versos (anti-rostro), o emprego de algarismo (2), o sinal de fração reforçam o conteúdo dual, fracionário da luta entre Deus e Satã.*

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia os textos e trechos seguintes.

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*
Fica ligada no *link*
Que eu vou confessar *my love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho *Engov*
Eu tirei o meu *green card*
E fui pra *Miami Beach*
Posso não ser *pop star*
Mas já sou um *nouveau riche*
Eu tenho *sex appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como Damon Hill
Tenaz como Fittipaldi
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite *drag queen*.

(Zeca Baleiro. Perfil, CD 3105-2, Som Livre, 2003.)

Estrangeirismos na publicidade

Porte cochère. Porteiro. Sistema de manobrista. Pórtico Monumental de Entrada. Central de Segurança. Concierge. Recepcionistas. Mensageiros. Sistema de Chauffeur. Upper Deck. Chill-Out. Snack-Bar. Restaurante. Vignerie. Sommelier. Espaço Gourmet Reservado. Sala de Ginástica. Lounge Fitness – Piscina. Spa Fitness. Spa Massagem. Copa/Bar Fitness. Fechaduras com Cartão Magnético. Room Service. Sistema de limpeza e faxina dos apartamentos. Cofres individuais.

(Palavras e expressões empregadas como legendas de imagens na publicidade, em jornal, de um condomínio de apartamentos de luxo.)

Justificação

A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. Por quê? Porque é o modo mais eficiente, apesar de geralmente lento, para impor toda uma cultura – seus valores, tradições, costumes, inclusive o modelo socioeconômico e o regime político.

Foi assim no antigo oriente, no mundo greco-romano e na época dos grandes descobrimentos. E hoje, com a marcha acelerada da globalização, o fenômeno parece se repetir, claro que de modo não violento; ao contrário, dá-se de maneira insinuante, mas que não deixa de ser impertinente e insidiosa, o que o torna preocupante, sobretudo quando se manifesta de forma abusiva, muitas vezes enganosa, e até mesmo lesiva à língua como patrimônio cultural.

De fato, estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como “holding”, “recall”, “franchise”, “coffe-break”, “self-service” – e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados – como “startar”, “printar”, “bidar”, “atachar”, “database”. E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano, sobretudo a produção, o consumo e a publicidade de bens, produtos e serviços, para não falar das palavras e expressões estrangeiras que nos chegam pela informática, pelos meios de comunicação de massa e pelos modismos em geral.

(Aldo Rebelo. Justificação ao Projeto de Lei 1676, de 1999, que dispõe sobre a promoção, a defesa e o uso da língua portuguesa, e dá outras providências.)

A lei do “rato”

Como poderia dizer o comunista autor da idéia, um espectro ronda a liberdade de expressão. Seu nome é Lei Aldo Rebelo da Língua Portuguesa.

Apresentada em 1999, essa praga caminha lentamente, como um cupim. Sem que ninguém se dê conta, vai cavoucando seu caminho por dentro do Congresso. Aprovada no Senado, na quarta-feira passada passou por unanimidade na Comissão de Educação da Câmara.

Se essa aberração vingar, os meios de comunicação terão de seguir uma regra: “Toda palavra ou expressão escrita em língua estrangeira e destinada ao conhecimento público no Brasil virá acompanhada, em letra de igual destaque, do termo ou da expressão vernacular correspondente em língua portuguesa”.

Os jornais precisariam, em tese (essa lei não vai pegar), escrever “rato” entre parênteses depois de “mouse” para descrever o equipamento usado nos computadores. Haverá “sanções administrativas cabíveis” para quem descumprir as novas regras.

Esse é o tipo de ovo de serpente do qual qualquer democrata deveria se distanciar. Hoje, querem que a imprensa escreva rato para descrever um prosaico mouse. Daqui a pouco terão idéias sobre o que pode ser divulgado pelos jornais.

Essa não deve ter sido a intenção de Aldo Rebelo – deputado do PC do B de São Paulo, líder do governo na Câmara e uma das pessoas mais educadas e cultas daquela Casa. Ocorre que seu projeto pavimenta um caminho perigoso contra a livre expressão de idéias no país.

No fundo, a motivação de Rebelo é singela: “Tive uma idéia, vou fazer uma nova lei”. Há uma obsessão cartorial-católica-lusitana no Brasil pela regra escrita, carimbada.

Rebelo quer proteger o idioma. Tudo bem. Mas é inútil uma lei para isso. Bastaria o governo erradicar o analfabetismo e garantir escolas de qualidade. Ai, é claro, fica difícil.

(Fernando Rodrigues. *Folha de S.Paulo*, 1º.09.2003.)

O estrangeirismo

Concluamos pois. O estrangeirismo é um fenômeno natural, que revela a existência duma certa mentalidade comum. Os povos que dependem econômica e intelectualmente de outros não podem deixar de adotar, com os produtos e idéias vindas de fora, certas formas de linguagem que lhes não são próprias. O ponto está em não permitir abusos e limitar essa importação lingüística ao razoável e necessário. Contido nestes limites, o estrangeirismo tem vantagens: aumenta o poder expressivo das línguas, esbate a diferença dos idiomas, tornando- os mais compreensivos, e facilita, por isso mesmo, a comunicação das idéias gerais.

(M. Rodrigues Lapa. *Estilística da Língua Portuguesa*. 4.a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.)

PROPOSIÇÃO

A língua portuguesa está em perigo, em virtude do uso indiscriminado de palavras estrangeiras? É fenômeno passageiro, sem conseqüências? À invasão dos vocábulos se seguirá a do próprio idioma estrangeiro, depois a de sua cultura e depois ainda a desse próprio país? Deve-se regulamentar o uso de palavras e expressões estrangeiras por meio de uma lei? Deve-se deixar que o relacionamento entre a Língua Portuguesa e as demais línguas siga o curso natural ditado pelo relacionamento entre os povos?

Tomando por base, se achar necessário, os textos apresentados, bem como sua própria experiência pessoal a respeito, escreva uma redação em prosa, de gênero dissertativo, sobre o tema:

OS ESTRANGEIRISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA.

Redação – Comentário

A exemplo de provas anteriores, a Unesp propôs uma discussão sobre assunto freqüentemente debatido na atualidade: Os Estrangeirismos na Língua Portuguesa. Para desenvolver seu texto, o candidato pôde contar com diversos subsídios, dentre os quais uma letra de música que ironiza o emprego indiscriminado da língua inglesa, um texto publicitário enfatizando o “padrão internacional” de um condomínio de luxo, além de três outros textos cujo conteúdo difere por adotarem pontos de vista divergentes sobre a questão: enquanto o deputado Aldo Rebelo, autor do Projeto de Lei que regulamenta o uso de palavras e expressões estrangeiras no País, justifica sua iniciativa, o jornalista Fernando Rodrigues alerta contra o risco de ameaça à liberdade de expressão que tal projeto implicaria. Já o autor de Estilística da Língua Portuguesa, M. Rodrigues Lapa, analisa com isenção o fenômeno do estrangeirismo como algo natural, que, se contido em determinados limites, facilitaria a “comunicação das idéias gerais”. A fim de proceder à própria reflexão sobre os benefícios ou malefícios decorrentes dos estrangeirismos, o candidato deveria considerar as questões levantadas na Proposição formulada pela Banca Examinadora. Caberia perceber, ali, os possíveis encaminhamentos sugeridos: enxergar a “invasão dos vocábulos” como um “fenômeno passageiro, sem conseqüências”, ou como o prenúncio de uma dominação de proporções avassaladoras. Uma terceira possibilidade seria “deixar que o relacionamento entre a Língua Portuguesa e as demais línguas” seguisse o “curso natural ditado pelo relacionamento entre os povos”. A marcante presença das “palavras importadas” no cotidiano do brasileiro serviria como justificativa para qualquer posicionamento que o candidato viesse a adotar – afinal, o que para alguns significa empobrecimento da Língua Portuguesa, para outros equivale a enriquecimento.